



MEMÓRIA, IMAGENS E SENTIDO NA COBERTURA DO “MENSALÃO DO DEM” PELA FOLHA DE SÃO PAULO

Douglas Zampar¹

A materialidade “mensalão do DEM” surge na mídia nacional no final de novembro de 2009 para designar um escândalo de corrupção envolvendo o então governador do Distrito Federal (DF) José Roberto Arruda, eleito pelo Partido Democratas (DEM). Vídeos comprovando o envolvimento de diversos políticos e empresários no esquema foram disponibilizados para a mídia pela Polícia Federal (PF) sendo, a partir de então, exibidos em telejornais e disponibilizados em diversos sites. A retomada e ressignificação do termo mensalão, termo que se constitui historicamente a partir do “mensalão do PT” ocorrido em 2005, levou-nos a questionar as formas pelas quais, na produção de materialidades significantes em torno de um dado escândalo político, a memória de escândalos políticos outros impõe determinadas configurações às redes de sentidos que constituem o interdiscurso.

Nosso trabalho analítico fez ver que a memória do “mensalão do PT” denunciada na designação do escândalo no DF apresentou-se como uma presença constante ao longo da cobertura do “mensalão do DEM” pela Folha de São Paulo, eleita nosso objeto de estudo. Nossa investigação também mostrou, em nível linguístico, um movimento de cristalização de sentidos constituído a partir das semelhanças entre os dois escândalos ao qual se opôs um movimento de silenciamento dos sentidos que marcam as diferenças². A partir disso, nosso objetivo neste texto é questionar como a memória discursiva atua na constituição das imagens publicadas na Folha de São Paulo enquanto materialidades significantes que se apresentam como objetos simbólicos que demandam interpretações dos sujeitos leitores do jornal. Centraremos nossa reflexão no movimento de cristalização e silenciamento mencionado, sem, entretanto, buscarmos nas imagens os mesmos sentidos encontrados anteriormente, mas, antes disso, buscando compreender o papel dessas imagens na historicização do acontecimento político que estudamos, o qual, não apenas retira sentidos do interdiscurso, mas já é parte deste interdiscurso, fazendo-se presente no imaginário social que significa a política brasileira.

Tomamos o jornal como uma materialidade significativa a partir da qual podemos recortar, pelo batimento entre teoria e análise, sequências discursivas que permitem um trabalho de análise com vistas à compreensão dos sentidos produzidos e, principalmente, dos mecanismos que tornam possíveis a produção desses sentidos. Destacamos, com Lagazzi (2007, 2010), que tomar o *corpus* como materialidade significativa implica a manipulação de uma escuta, de um olhar analítico que

¹ Acadêmico de Letras da Universidade Estadual de Maringá, bolsista do PIBIC/CNPq-FA-UEM, sob a orientação de Passetti, M.C.C. e membro do Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos – Gepomi (UEM-CNPq).

² A esse respeito, apresentamos uma comunicação intitulada “Panetones e pagamentos mensais: Memória e Pontos de Deriva na cobertura do ‘mensalão do DEM’ pela Folha de São Paulo”, sob autoria de Zampar, D e Passetti, M. C. C. no III CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação realizado na Universidade Estadual de Maringá em 2011. O texto referente à comunicação será publicado nos anais do evento que estão sendo preparados.

permite (i) tomar qualquer materialidade significativa, independente de sua natureza, como material de pesquisa; (ii) direcionar nossa escuta e nosso olhar também para a natureza da materialidade de modo a tratarmos das especificidades de cada material e (iii) devolver ao material analisado seu lugar na história. Trazendo ainda as contribuições de Orlandi (2001), percebemos a importância e o alcance desse lugar na história de nossa materialidade. Trata-se justamente daquilo que deve ser mais caro ao analista do discurso, a saber, perceber na materialidade seu caráter de movimento e entender como os sentidos são constituídos no interior do discurso num jogo constante de relações.

Nosso primeiro olhar para a materialidade significativa será lançado para a primeira página da Folha de São Paulo do dia 01 de dezembro de 2009³, quando o jornal noticia o envolvimento de políticos do PSDB no caso do mensalão do DEM. Destacamos não a manchete, mas a imagem com *frames* do vídeo no qual o empresário Alcyr Collaço aparece recebendo dinheiro de propina o qual é guardando na cueca.

Com Pêcheux (2007, p.52), entendemos a memória discursiva como “aquilo que , face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (Pêcheux, 2007, p. 52). Assim, devemos nos interrogar pelas formas como o gesto de Colaço, apreendido em *frames* e

³ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/12/01/2/5565542>, último acesso em 12 de ago. de 2011.



publicado na primeira página da Folha, se constitui simbolicamente como parte da materialidade significativa.

Em 2005, Adalberto Vieira da Silva, assessor de um dos envolvidos no “mensalão do PT”, o deputado petista José Nobre Guimarães, foi flagrado pela PF no aeroporto de Congonhas com cem mil dólares na cueca. Os dólares na cueca, ou simplesmente dinheiro na cueca, se tornam uma das formas de referência ao mensalão do PT, tornando possível a significação deste escândalo por meio do inusitado do local onde o dinheiro foi carregado. Assim, buscando reestabelecer o jogo de relações que tornam essa imagem uma materialidade significativa, percebemos que o gesto de colocar dinheiro na cueca, embora não fotografado em 2005, se repete em 2009. Mais do que destacar essa repetição, precisamos retirar dela as evidências possíveis de simples coincidência ou comparação para entendermos nela um funcionamento discursivo. A condição do legível desta materialidade é essa memória, de forma que significar o gesto de guardar dinheiro na cueca como um gesto de corrupção faz funcionar a memória do gesto de Adalberto. É esse funcionamento que, a nosso ver, levou estes frames para a primeira página do jornal, para serem vistos tanto por aqueles que lerão o jornal quanto por aqueles que apenas lançarão um rápido olhar sobre ele. É ainda esse funcionamento que caracteriza a especificidade da imagem que dialoga, imediatamente, com uma memória que, embora tenha sido construída verbalmente, uma vez que o dinheiro na cueca de Adalberto não fora fotografado, funciona no imaginário coletivo como um símbolo da corrupção política nacional.

É também da ordem da memória instituir determinadas interpretações em detrimento de outras. Assim, conforme destaca Mariani (1998, p. 36), as “práticas sociais de fixação da memória” em um dado momento da história podem fazer com que um sentido permaneça como interpretação para determinado acontecimento, enquanto outros sentidos possíveis sejam levados ao esquecimento. Nossa segunda materialidade significativa, publicada também no dia 01 de dezembro de 2009⁴, traz como título: “Manifestantes usam panetones em protesto contra a cúpula do DEM”. Destacamos aqui a relação que se estabelece entre a materialidade verbal e a materialidade visual. No primeiro dia de circulação de notícias a respeito do “mensalão do DEM”, o partido afirmou por meio de nota que o dinheiro que Arruda aparece recebendo em uma das gravações seria usado para a compra de panetones. A partir desta fala, a denominação escândalo dos panetones se apresenta como uma forma possível de remissão ao acontecimento político. Embora a notícia se refira a um protesto no qual os manifestantes significam o “mensalão do DEM” por meio de outro símbolo, os panetones, podemos observar na parte inferior da imagem, em primeiro plano, um manifestante retirando dinheiro das meias. Esse manifestante significa o escândalo pela remissão a um vídeo no qual o deputado Leonardo Prudente aparece guardando dinheiro nas meias, vídeo que, pelo inusitado do local onde o dinheiro de corrupção foi colocado, pode ser interpretado pela inserção à mesma rede de sentido em que o dinheiro na cueca de Alcyr Collaço toma seus sentidos pela inscrição histórica na remissão ao “mensalão do PT”. Assim, mesmo quando o texto verbal trata dos panetones como

⁴ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/12/01/2/5565595>, último acesso em 12 de ago. de 2011.

símbolos da corrupção, símbolo que não se constitui a partir da memória do “mensalão do PT”, a imagem silencia parcialmente esse sentido cristalizando a interpretação que promove um imbricamento dos dois mensalões.

foco

Manifestantes usam panetones em protesto contra a cúpula do DEM

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Os integrantes da cúpula do DEM que foram ontem à residência oficial do governador José Roberto Arruda (DEM), a cerca de 20 km do centro de Brasília, enfrentaram protestos na saída do encontro, que durou cerca de duas horas.

Dez pessoas com bandeiras e camisetas da juventude do PDT —partido que ontem decidiu romper com Arruda— levaram panetones e tentaram atirá-los dentro dos carros, promovendo empurra-empurra com seguranças e jornalistas.

Os manifestantes cantavam as seguintes palavras de ordem: “Arruda na Papuda [presidência de Brasília] e P.O. [Paulo Octávio, vice-governador do DF] no xilindrô”.

Mais cedo, um homem vestido de enfermeiro e que se apresentou como servidor concursado do governo do Distrito Federal também protestava, carregando um panetone em uma mão e uma bandeja com pedaços de panetone na outra.

Ele abordava com palavras de ordem todo carro que entrava e saía e disse que estava indignado com a situação da saúde no Distrito Federal.

Em sua defesa, Arruda disse que os R\$ 50 mil que ele recebeu de Durval Barbosa —em encontro gravado em vídeo— foram destinados, entre outras coisas, à compra de panetones para a população pobre do DF.

Na avenida em frente à casa do governador, várias pessoas também gritaram ataques contra Arruda de dentro dos carros. Há promessa de manifestações hoje no local e amanhã em frente à Câmara Distrital.

Manifestantes protestam em frente à residência de Arruda

Publicada no dia 02 de dezembro de 2009⁵, nossa última materialidade significativa permite considerações a respeito daquilo que o jornal coloca em destaque pelas imagens, materializando, assim, uma vez mais, a ideologia que orienta a produção de sentidos a cristalizar nos enunciados produzidos em torno do “mensalão do DEM” sentidos que retomam o “mensalão do PT”. O quadro a seguir é parte de uma reportagem intitulada “Gravação da PF mostra que Arruda gerenciava mensalão” e explica para o leitor quem são os principais envolvidos no esquema. Os dois primeiros nomes são dos principais envolvidos no escândalo: José Roberto Arruda, acusado de ser o responsável pelo esquema e Durval Barbosa, que em um sistema de delação premiada denunciou o esquema à política federal. Embora estes dois nomes sejam os primeiros mencionados e os mais relevantes tanto para o escândalo como um todo quanto para o texto do qual o quadro faz parte, as fotos fazem com que o texto direcione o leitor para outros dois envolvidos: Leonardo Prudente e Alcyr

⁵ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/12/02/2/5566516>, último acesso em 16 de ago. de 2011.



Collaço. Já demonstramos nas análises anteriores como o dinheiro na meia e na cueca retoma o mensalão do PT, o que nos permite afirmar que a retomada desses sentidos e o destaque a eles conferido neste quadro cristaliza a relação entre os dois mensalões e indica a posição ideológica do jornal que destaca no texto não os principais envolvidos no esquema, mas os envolvidos no esquema que materializam a semelhança entre os escândalos.

ALGUNS DOS ENVOLVIDOS NO ESQUEMA



José Roberto Arruda

Governador é apontado como responsável pelo esquema de arrecadação de propina

Durval Barbosa

Ex-secretário de Relações Institucionais monitorava o pagamento para deputados e foi quem filmou e gravou conversas com os envolvidos

José Geraldo Maciel

Ex-chefe da Casa Civil é apontado

Leonardo Prudente

Presidente da Câmara Legislativa, que se afastou ontem, foi gravado recebendo dinheiro de Barbosa e escondendo-o nas meias

Augusto Carvalho

Secretário de Saúde do DF é citado como beneficiário; foi o criador do site Contas Abertas, que tem como objetivo dar transparência a gastos públicos





As materialidades significantes apresentadas adquirem sua espessura histórica no interior de redes de sentido que funcionam pelo imbricamento das memórias de dois escândalos políticos, o “mensalão do DEM” e o “mensalão do PT”. A especificidade material das imagens no jornal impresso confere a esta materialidade a capacidade de direcionar a interpretação do sujeito leitor que, interpelado em tal posição, é levado a tomar os sentidos publicados pelo jornal como verdadeiros, bem como as indicações em relação ao que é relevante e pôde se tornar notícia. É nessa prática social que o jogo entre cristalização e silenciamento de sentidos se instaura pelo funcionamento de inscrição ao interdiscurso das materialidades analisadas, sendo que são cristalizadas as semelhanças entre os dois escândalos enquanto as diferenças são silenciadas.

REFERÊNCIAS

LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. In.: *III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso – O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em http://www.discurso.ufrgs.br/sead3/trabalhos_aceitos/O_RECORTE.pdf, acesso em 22 de jul. de 2011.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX Michel. Papel da Memória. In.: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2007.